

# IDENTIDADES CULTURAIS EM CAMPO GRANDE: BREVES RELATOS E RETRATOS

**Viviane Coutinho M. G. Nazareth<sup>1</sup>; Fábio Dobashi Furuzato<sup>2</sup>**

UEMS-UCG, C. Postal 79043-250 Campo Grande-MS, E-mail: [vivi.misty@gmail.com](mailto:vivi.misty@gmail.com)

Bolsista PIBEX/FUNDECT/UEMS <sup>2</sup> Orientador. Professor Adjunto UEMS.

## RESUMO

Este projeto, vinculado ao projeto “Jornal Acadêmico da UEMS de Campo Grande (JACA)”, se propôs a retratar algumas dentre as identidades culturais mais representativas da capital, buscando garantir, no JACA, um espaço onde a comunidade fosse a voz que fala sobre si mesma. Tomamos como eixo teórico Stuart Hall, em seus questionamentos acerca das identidades modernas, que vêm sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Nosso trabalho foi realizado através do levantamento de relatos pessoais, histórias, lendas e tradições dos diversos grupos culturais de Campo Grande. Em seguida, foi feita a divulgação desse material, no JACA. Associado as matérias escritas, foram feitos os registros fotográficos para documentação visual.

**Palavras-chave:** Comunicação. Letras. Linguística e Artes.

## INTRODUÇÃO

Logo no primeiro parágrafo de sua belíssima crônica “Mato Grosso”, de 1934, Rubem Braga levanta questões interessantes a respeito da identidade cultural de uma cidade que se tornaria uma das maiores, em população, no atual Estado do MS: “Três Lagoas, será Mato Grosso? Saltamos do trem e a poeira de nossas roupas é poeira paulista; e este cigarro que fumo foi aceso em São Paulo. Conversei com três cidadãos de Três Lagoas, e eram três paulistas”. (BRAGA, 1982, p. 44)

Pouco adiante, na mesma crônica, Braga faz um curioso comentário, relacionando a cidade de Três Lagoas à atual capital do Estado. Curioso, porque, nesse comentário, já surge a questão da divisão, prenunciada em 1932, com o episódio da criação do Estado de Maracaju:

Três Lagoas espia lá longe, à margem dos mesmos trilhos da Noroeste, a bela Campo Grande toda orgulhosa e rica que, de tão rica e orgulhosa, já anda querendo se separar de Mato Grosso, dizendo que o Norte do Estado explora o Sul, que o Sul deve deixar de ser Mato Grosso para ser Maracaju, etc. (idem, p.45)

Na conclusão, o escritor prevê a intensa povoação da região que, na década de 1930, enfrentava, como problema, o baixo índice populacional. Descrevendo-se como “um bichinho da beira da praia”, um “bicho covarde”, prestes a embarcar no trem de volta ao litoral, nosso maior cronista profetiza:

Outros mais peitudos virão para vos povoar. Eu tenho apenas um lápis, que só sabe escrever besteira. Outros virão com arados, máquinas e dinheiro; homens de nossa raça e de outras raças levantarão casas em vossa terra e ruídos em vossos ares. E crescerão dentro de vós, e vós crescereis com eles. (idem, p. 46)

Assim, sem a menor pretensão quanto a qualquer espécie de rigor científico, com toda a liberdade que caracteriza a crônica enquanto gênero, Rubem Braga toca em alguns pontos cruciais para iniciarmos a discussão do tema do nosso projeto de extensão “Identidades culturais em Campo Grande: breves relatos e retratos”.

Como bem observa Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, com a divisão do Estado, criou-se um impasse a respeito da identidade cultural sul-mato-grossense: “E agora, quem somos?” (DUNCAN apud COUTO apud SANTOS, 2004, p. 48).

Pois bem, para quem chegou de fora recentemente, como é o caso dos proponentes deste projeto, a resposta parece estar justamente na mistura ou, voltando à crônica de Braga, na expressão “homens de nossa raça e de outras raças”: indígenas de várias etnias, quilombolas, paraguaios, bolivianos, gaúchos, paulistas, japoneses, etc.

Mas é claro que essa enumeração levanta, por sua vez, outras questões, a começar pelo fato de que os grupos enumerados se diferenciam por critérios diversos, não necessariamente raciais – mesmo porque a noção de raça “não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica” (HALL, 2005, p. 62).

E também é evidente que a mera expressão do cronista não esgota a pergunta “quem somos?”, uma vez que a identidade não é algo que se deixe representar tão facilmente, pois se trata, acima de tudo, de um “complexo cultural”, um “tecido cultural, que se mostra dinâmico, resistente e volátil como toda matriz *representativa*” (SANTOS, 2004, p. 49 – grifo do autor).

Levando em conta a imensa complexidade que o tema representa, nossa proposta, com este projeto, foi a de retratar um pouco que fosse dessa riquíssima diversidade cultural com que nos deparamos na capital do MS, através de textos e imagens, que foram publicados no Jornal Acadêmico da UEMS de Campo Grande (JACA).

## 1.1 IDENTIDADE CULTURAL

Para avaliarmos a complexidade da questão, cabe comentar, ainda que brevemente, o célebre estudo de Stuart Hall, *Identidade cultural na pós-modernidade*, segundo o qual o sujeito, em nossa época, vive uma “crise de identidade”:

vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2005, p.7).

De acordo com o pensador jamaicano, o sujeito pós-moderno – “descentrado”, “fragmentado”, “múltiplo” – é decorrente de um processo que pode ser descrito a partir de cinco deslocamentos.

Com o marxismo, primeiro deslocamento, concebe-se que os “homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas” (MARX apud HALL, 2005, p. 34). Questiona-se, portanto, a autonomia do indivíduo.

O segundo deslocamento, a psicanálise, leva-nos a aceitar que somos formados “com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente” (idem, p.36). Desse modo, a concepção de nossa identidade como algo fixo e unificado cai por terra.

Em terceiro lugar, Ferdinand de Saussure, considerado pai da linguística moderna, argumenta que nosso sistema de língua é um produto social, com o qual nos situamos apenas nas regras de nossa língua e cultura, pois ela preexiste a nós: “Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais, significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. (idem, p.40).

Também devemos levar em conta a influência do estruturalismo sobre todas as demais áreas das humanidades, lembrando que, segundo a ideia da língua enquanto estrutura, o valor de um elemento é definido, não por si mesmo, mas pela sua relação com os demais.

O quarto descentramento aparece no trabalho de Foucault, o qual é chamado de “poder disciplinar”:

O objetivo do “poder disciplinar” consiste em manter “as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo”, assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar, sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas “disciplinas” das Ciências Sociais. (DREYFUS & RABINOW apud HALL, 2005, p.42).

Por fim, com o feminismo, vêm à tona as discussões sobre os limites entre a vida pública e a vida privada, bem como sobre as diferenças sexuais. Paralelamente, no final da década de 60, surgem diversos movimentos políticos que procuram afirmar tanto as questões “objetivas”, quanto as “subjetivas”, dando origem à “política de identidade”, seja ela racial ou de gênero, seja identificada com causas como a ecologia ou a paz.

Como consequência desses deslocamentos, resulta que as identidades culturais são necessariamente híbridas, dinâmicas, complexas. Com a globalização e a modernização das novas tecnologias, esse hibridismo cultural se acentua ainda mais, diminuindo, por exemplo, as fronteiras entre as culturas nacionais.

E, mesmo antes disso, Hall argumenta que a ideia de uma “cultura pura” é uma ilusão: “A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. *As nações modernas são, todas, híbridos culturais*”. (HALL, 2005, p. 62 – grifos do autor).

No caso de um país colonizado, como o Brasil, esse hibridismo é evidente. E, numa região de fronteiras, como é o caso do MS, além da diversidade tipicamente brasileira, a proximidade com o Paraguai e a Bolívia e a sobrevivência de vários grupos indígenas aumentam a complexidade do tecido cultural.

Durante a elaboração deste projeto, pudemos perceber, em conversas com os colegas e professores, como essa questão está presente e próxima. Ouvimos testemunhos de diferentes itinerários de migração e imigração, em nosso país, cada um com suas especificidades, sendo que todos, nessa transição, se depararam com novas culturas que, assim, influenciam-se mutuamente.

Pensando que o JACA, enquanto meio de expressão da comunidade universitária, devesse retratar a diversidade cultural de Campo Grande, fosse ela interna ou externa à UEMS, reservamos, em cada edição, um espaço para um grupo cultural específico.

Uma vez escolhido um determinado grupo, entrevistamos sua liderança, valorizando assim, a memória cultural naquilo que ela se diferencia das demais.

## **1.2 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA**

Como parte documental do trabalho, a fotografia é uma ferramenta de representação histórica, através da qual podemos complementar a fala do sujeito, revelando dados não

mencionados verbalmente sobre ele próprio e sobre sua representação no mundo físico, a partir de imagens:

O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia, o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. (KOSSOY, 1989, p.15).

A fotografia, a nosso ver, foi um recurso que, em muito enriqueceu os relatos colhidos dos grupos culturais que foram retratados: “Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social” (KOSSOY, 1989, p.101).

## **RESULTADOS OBTIDOS**

É preciso ressaltar que o projeto de extensão com o qual nossa atividade está relacionada, ou seja, o projeto “Jornal Acadêmico da UEMS – Campo Grande” (JACA), coordenado pelo professor Fábio Dobashi Furuzato, enfrentou dificuldades pelo fato de não contar com recursos financeiros que viabilizassem a publicação do jornal impresso. De acordo com o que estava previsto, esses recursos seriam levantados através de patrocínio de empresas particulares, em troca de anúncios de suas marcas nas páginas do JACA. Mas as diversas empresas procuradas se negaram a colaborar com o projeto, alegando que gostariam de ver um jornal impresso para conhecer o veículo em que anunciariam. Ora, como imprimir o jornal, se nos faltavam recursos financeiros?

Devido a esse impasse, a equipe participante do projeto promoveu diversas atividades (rifas, almoços, doação de membros da própria comunidade acadêmica), com o intuito de levantar os recursos necessários para a impressão do jornal. Enquanto isso, foram elaboradas duas edições eletrônicas, que podem ser conferidas no link a seguir: <http://www.jacaonline.com.br/>.

E atualmente, a edição impressa está em fase de diagramação.

Por este motivo, realizamos basicamente duas entrevistas: uma com o pastor indígena Ricardo Poquiviqui e outra com João Mello, representante do Centro de Tradições Gaúchas Tropeiros da Querência. Outro motivo que inviabilizou a realização de mais entrevistas foram as dificuldades em contatar lideranças de outras comunidades culturais em Campo Grande.

Mesmo assim, acreditamos que as duas entrevistas realizadas foram uma experiência suficientemente enriquecedora para o nosso crescimento acadêmico.

Percebermos, ao longo de nossas atividades, assim como Stuart Hall argumentou em seu livro *Identidade cultural na pós-modernidade*, que a identidade é uma “comunidade imaginada”. Cada identidade cultural é carregada de histórias, imagens, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais. São suas perdas e triunfos que assim as representam e as constituem como identidades culturais.

Foi o que identificamos na entrevista com o senhor João Mello, acerca da cultura gaúcha, quando ele afirma que ser gaúcho é um “estado de espírito”. Basta então a outros indivíduos se adequarem a certas diretrizes, normas e regulamentos, ou seja, tomarem para si as representações desta comunidade acerca do “ser gaúcho”, para que tais indivíduos possam compartilhar dessa identidade.

Outro ponto a ser destacado é a ênfase nas origens, na tradição e na intemporalidade, o modo como essas comunidades narram suas origens e as transmitem de geração a geração, o que parece romper a barreira do tempo. A identidade também é simbolicamente baseada na ideia de um povo puro, original, representando os que seriam os “verdadeiros gaúchos”.

Outro aspecto observado ao longo de nossas atividades foi acerca do hibridismo cultural, que ocorre, por exemplo, no modo como a cultura indígena vem sendo transformada desde a colonização, sendo que hoje ela transita entre dois mundos: o mundo das tradições e o do contato com outras culturas, formando-se assim uma identidade híbrida. Foi o que pudemos perceber no discurso do entrevistado, o Pastor Ricardo Poquiviqui, a respeito do hibridismo entre a cultura indígena e a religião cristã.

A seguir, apresentamos as duas entrevistas realizadas em nossas atividades de extensão.

### **APÊNDICE A – Entrevista com o pastor Ricardo Poquiviqui**

Pastor Ricardo Poquiviqui, índio Terena, casado, formado em Teologia, missionário da 3ª Igreja Batista. Consultor dos povos indígenas do Paraguai, Ricardo atua entre os povos indígenas Terena e Ofayé e é apoiador do trabalho entre os Guarani e Caiuás, na Região Sul do Estado de Mato Grosso do Sul. Também exerce as funções de coordenador do CONPLEI Jovem (Conselho de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas) e de presidente da Igreja Uniedas de Campo Grande – MS.

**JACA:** Como começaram as missões evangélicas nas aldeias?

**Ricardo:** Os senhores John Hay e Henrique Whittington, ambos cidadãos do Reino Unido – Escócia, em 1912, quando ainda nem havia sido construída a estrada de ferro, fizeram, a cavalo, uma primeira viagem, que durou dois meses, desde Conceição, no Paraguai, até o interior do Brasil, no município de Aquidauana (então estado de Mato Grosso do Sul). Foi um primeiro contato com os índios Terena, visitando várias aldeias para recolher informações e verificar a possibilidade de se instalar a casa missionária e a escola. Os lugares escolhidos foram Bananal e Ipegue, onde se concentrava o maior número de indígenas da região. Os primeiros missionários foram bem recebidos, porque os Terena já tinham contato com os brancos e tinham sido reconhecidos pelo governo federal por terem ajudado o Brasil na grande guerra contra o Paraguai. Isso facilitou a comunicação com os missionários, além do fato de alguns indígenas já saberem ler e escrever. Assim começou, no Brasil, a evangelização dos povos indígenas, juntamente com a educação escolar, e hoje os Terena são conhecidos pela sua capacidade intelectual e pela grande quantidade de indígenas com ensino superior.

**J:** O senhor foi bem recebido nas aldeias que foi evangelizar?

**R:** Sim, por ser indígena também, sempre fui bem recebido, mas quando se chega a uma aldeia que não é a sua, temos que consultar o cacique e explicar o motivo da nossa visita. Outra coisa importante é ter outro motivo além da evangelização. A gente não chega e já vai falando do evangelho. Antes é feito um contato de amizade e, diante da boa recepção, a gente comunica o evangelho, não obrigando ninguém a aceitar ou entrar em alguma religião.

**J:** Houve mudanças com o passar do tempo? Que mudanças foram essas?

**R:** As mudanças são claras em lugares que o evangelho chega. Por exemplo: quem era viciado em droga e álcool deixa de ser, pais e mães cuidam melhor de seus filhos, a casa é bem mais cuidada e é grande a harmonia no lar, trabalham e plantam. Bom, é claro que não acontece com todos, mas naqueles que resolvem mudar suas vidas o evangelho colabora muito com isso, cuidam mais de suas vidas e de seus familiares.

**J:** Quais as dificuldades encontradas para se desempenhar esse trabalho?

**R:** São muitas, entre elas a distância entre as aldeias indígenas ou a dificuldade de acesso, além da continuidade do trabalho: depois de uma visita feita, a demora no retorno compromete o trabalho.

**J:** E quanto às questões de língua, existem traduções da bíblia?

**R:** Aqui no estado usamos o português mesmo, já que os indígenas entendem e falam o português, mas o ideal é comunicar-se em cada idioma, por exemplo, terena falar em terena.

Hoje já existem bíblias traduzidas nos idiomas – é um legado da igreja de deixar os idiomas escritos para que se perpetue o idioma de cada tribo.

**J:** Quais os problemas mais comuns nas aldeias? E como isso vem mudando com a presença da igreja?

**R:** São muitas, entre elas a questão social, o abandono e a falta de profissionalização dos indígenas. A igreja trabalha com doações de remédios, roupas, cursos de artesanatos para as mulheres e algumas capacitações para os homens. A igreja também trabalha a estima e a valorização pessoal do povo, incluindo-o na sociedade e demonstrando respeito mútuo entre as pessoas.

**J:** Para o senhor, os indígenas sofrem muito preconceito?

**R:** O preconceito sempre vai existir, mas só é preconceituoso quem não conhece, quem não sabe viver em sociedade e se considera diferente das demais pessoas. Quando se conhece e se tem um relacionamento de amizade, logo os preconceitos são derrubados e os valores humanos voltam a ser considerados.

**J:** Algumas pessoas afirmam que os índios vêm perdendo sua identidade cultural ao longo do tempo. Como o senhor vê essa questão? Poderia nos dar exemplos?

-

**R:** Tem que saber o que essas pessoas entendem por identidade cultural. Às vezes, as pessoas querem que todas sejam iguais a elas e isso é difícil. No país existem 180 línguas indígenas, além da miscigenação. A cultura do índio inclui língua, moradia e comida, e isso jamais pode ser alterado. O evangelho não tem essa função, mas contribui para valorizar a cultura.

**J:** Há inúmeras pesquisas, muitas feitas na UEMS, sobre as questões indígenas. Para o senhor, elas ajudam as pessoas a conhecerem melhor essa cultura tão diversa?

**R:** Isso é bom. A pesquisa, bem como sua divulgação, ajudam leigos a entenderem questões indígenas, porque nem todos tem condições de ir até uma aldeia, e uma boa pesquisa, como as da UEMS, que é do estado, ajuda a divulgar informações verídicas para todos.

**J:** No dia do índio, na Igreja Uniedas, os membros dançaram a “dança do bate pau”. O senhor poderia nos falar um pouco sobre a dança e o porquê dessa tradição?

**R:** Cada etnia tem sua dança e sua expressão cultural. A etnia Terena faz a “dança do bate pau”, ou “dança da ema” como é conhecida pelo povo Terena. É uma comemoração pela vitória do povo terena na guerra do Paraguai. E, como disse antes, a igreja não proíbe, e sim apoia e incentiva esse costume que o povo sente alegria em demonstrar.

**J:** Que outros costumes permanecem até hoje?

**R:** O Terena é um povo matriarcal. Vive do plantio de pequenas lavouras para uso próprio, além de comercializar legumes, como a mandioca, e suas mulheres venderem de casa em casa. Respeitam e valorizam os idosos, tem como autoridade o cacique que os representa. Moram em comunidades e as aldeias são de alvenaria.

**J:** Muito obrigado!

## **APÊNDICE B – Entrevista com o Senhor João de Mello**

João Ermelino de Mello, natural de Santo Ângelo – RS, que atua no Movimento Tradicionalista Gaúcho de Mato Grosso do Sul (MTG-MS) há mais de duas décadas. Dentre diversas outras funções exercidas, João Mello já foi patrão do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Tropeiros da Querência, Conselheiro da Cultura em MS (2002 a 2010), sendo o atual presidente da Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha (CBTG).

**Há quanto tempo o senhor faz parte do Centro de Tradições Gaúchas (CTG)? Quando ele foi fundado?**

Faço parte desde a fundação. O CTG foi fundado em 23 de setembro de 1990, 23 anos atrás.

**Em sua opinião o que o que é “ser gaúcho” e o que é a cultura gaúcha? E a cultura fora do Rio Grande do Sul?**

Eu tenho uma visão da cultura gaúcha diferenciada dos que moram no Rio Grande. O gaúcho que está lá enxerga ser gaúcho como algo normal. E lá existem diversas etnias que formaram a cultura gaúcha. Por exemplo, nós gaúchos somos filhos de gaúchos que nasceram lá, formados da miscigenação indígena, portuguesa, espanhola e negra. Esses quatro povos são a formação do gaúcho real, nativo do Rio Grande. Depois tem os loirinhos que são os rio-grandenses que vieram e invadiram o Rio Grande. Eles vieram com negociações de guerra, pós-guerra e de escravidão também, que não ocorreu somente com os negros. Os italianos e alemães também vieram para adquirir terras e, para isso, foram escravizados: “Vocês vão lá para a região serrana e para a região de campinas! Vão para produzir” – passou uma novela há pouco tempo sobre os cafezais. Ali era escravidão branca! Então nós gaúchos natos somos o

cruzamento de quatro miscigenações. Nós, que fomos espremidos de nossas regiões, nós saímos: aí que começou o êxodo, principalmente o rural. O gaúcho da cidade é vinculado a ordenado, a salário. E, na nossa região, há militares e professores, enfim, alguns comércios, pouca indústria. Mas a região é formada, nas cidades, por profissionais que ganham ordenados. E os trabalhadores rurais, a campanha, que moravam em sítios e fazendas, essas famílias foram se espremendo e crescendo, porque vieram esses italianos, alemães e os poloneses também, com técnicas, e afogaram o produtor rural que eram os gaúchos natos, porque eles não tinham técnicas, então se espremeram, compraram áreas que não foram tomadas. Esses gaúchos, então, principalmente os seus filhos resolveram ir principalmente para o Paraná e alguns vieram para o antigo Mato Grosso, para essa região que ainda não era Mato Grosso do Sul. Então a minha visão, respondendo sua pergunta de nossa cultura gaúcha fora do Estado, é de saudosismo, porque nós aguçamos mais o sentimento da saudade e nos aglomeramos, nos juntamos e fazemos os CTG's, que é onde nos reunimos, com o objetivo de nada mais nada menos que matar a saudade daqueles tempos, da família, de falar de igual para igual e essas coisas que faz com que sejamos unidos.

**Para fazer parte do CTG Tropeiros da Querência precisa ser necessariamente gaúcho ou descendente?**

Tu podes observar aqui em Campo Grande mesmo. Se você vai ao CTG hoje, tu encontra em torno de 40 por cento de gaúchos. Os outros 60 por cento são admiradores que gostam, frequentam e participam ativamente na diretoria, na dança e já se tonaram gaúchos, porque gaúcho é um estado de espírito. Ele não é o propriamente nascido no Rio Grande. Ser gaúcho é um estado de espírito! Qualquer um pode ser gaúcho. Basta amá-lo e conseguir entrar nas diretrizes, normas, regulamento e participar, para que ele já seja um gaúcho. Por exemplo, lá em Santa Catarina eles se sentem gaúchos iguais aos gaúchos. Agora nós gaúchos de lá, que somos nascidos lá, nós temos nossa diferença. Então, nós do CTG, fazemos as noites Italianas, temos a *Oktoberfest*, que é a parte alemã. Fazemos para agradar a todos!

**Como o senhor vê a parte de divulgação da cultura?**

No CTG, tem outra parte importante que é criar e manter os filhos juntos, porque o CTG é uma sociedade que vai do vô ao netinho, de mamando a caducando, todos juntos fazendo a mesma coisa, comendo churrasco e dançando. Então, a gente vai de pai para filho,

transmitindo a cultura junto, acompanhando. E é uma das poucas sociedades onde os juízes não proíbem as crianças de estarem no baile, porque estão acompanhados pelos pais sempre. A participação nossa na sociedade já faz com que tenhamos obrigação de divulgar as atividades do CTG. E a divulgação hoje, ela é automática, com parcerias de escolas. Nós fizemos um projeto, por exemplo, com minha filha e o marido dela, em que a gente apresentava, tipo assim, gurizada de galpão na escola. Então a gente trazia as escolas para dentro do CTG, três a quatro escolas com alunos de uma idade de 15 para baixo. Temos também um programa de rádio gaúcha que transmite todo domingo, das 9h00 às 12h00. E temos participação ativa dentro da sociedade. A gente faz parte do Fórum de Cultura do Estado.

### **O CTG recebe algum incentivo do governo?**

Não! A gente não ganha nada do governo, a não ser quando tem as competições que se chamam FEGAES (Festival Gaúcho Estudantil), que são competições do Estado, dos quais todos os CTG's participam. O último aconteceu em outubro, em São Gabriel do Oeste. Este ano ocorre em julho, em Ponta Porã. Então, o CTG que está organizando faz o projeto de cultura, com apoio da cultura do Estado, arrecadando de 50 a 60 mil, mas tu gasta isso com os avaliadores que vêm de fora, músicos que vêm de fora pra tocar também. Não tem lucro, tem apenas o convívio de todo o Estado e, desse evento, saem os melhores, que vão competir no nacional, em janeiro de 2015.

### **Com quantos anos as pessoas podem começar a participar das atividades do CTG?**

Acho que a partir de 4 anos até 11, na categoria mirim; de 12 até 17, é juvenil; de 18 até 30, adulto; de 31 até 50, xirus; de 51 pra cima, os veteranos. Nós temos todas as categorias funcionando.

### **Quais são as modalidades artísticas e esportivas trabalhadas no CTG?**

Música: conjunto vocal adulto, gaita de boca, gaita piano (juvenil, adulto e profissional), gaita ponto piano (juvenil, adulto e profissional), gaiteiro de danças tradicionais, violão (juvenil, adulto e profissional), intérprete individual (mirim, juvenil, adulto, trova).

Causo e declamação: declamação (mirim, juvenil e adulta).

Danças tradicionais: danças tradicionais (xirus, mirim, juvenil), chula (mirim, juvenil e adulta).

Esportes: bocha individual masculino, bocha dupla masculino, bocha trio masculino, bocha trio feminino, bolão, trava trio, truco espanhol e truco português.

Modalidade campeira: chasque, gineteada, laço e rédea.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Rubem. "Mato Grosso". In: \_\_\_\_\_. *O conde e o passarinho e Morro do isolamento*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

SÁ ROSA, Maria da Glória & NOGUEIRA, Albana Xavier. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2011.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Mediadores da representação no entorno do Pantanal mato-grossense. In: RUSSEFF, I. MARINHO; M. & SANTOS, P. S. N. (org.) *Ensaio farpados: arte e cultura no pantanal e no cerrado*. Campo Grande: Letra Livre: UCDB, 2004.